

Por uma *Ordo Amoris* (*theologia amoris*) pela promoção de uma Cultura da Paz

*For an Ordo Amoris (amoris theology)
for the construction of the Culture of Peace*

Rodrigo Cardoso Condeixa da Costa

Ama e faze o que quiseres
Santo Agostinho

Amor é coisa que mais quero
Adélia Prado

Resumo

Nossa intenção nessa comunicação é apresentar uma pequena reflexão acerca da *ordo amoris*, e uma teologia consequente: pautada na experiência do amor concreto que nasce de um coração humilde e aberto a Deus, ao outro, sobretudo os mais sofridos, um coração sensível ao mundo.

Palavras-chave: Ordo amoris. Theologia amoris. Coração. Cultura da paz.

Abstract

Our intention in this communication is to present a short reflection on the *ordo amoris*, and a consequent theology: guided by the experience of concrete love that springs from a humble heart and open to God, to each other, especially the most painful, a sensitive heart to the world.

Keywords: Ordo amoris. Amoris theology. Heart. Culture of peace.

Introdução

O amor, na ótica cristã, constitui o chão e a baliza para a caminhada na vida concreta: no seguimento de Jesus Cristo (já que o caminho se faz caminhando¹).² É ele, o amor, a *ex*-peri-ência que dá sentido a *ex*-istência³. Afirmarções como estas conquistam um inaudito significado, sobretudo, quando nos detemos na proposta (projeto de vida) do Reino de Deus *segundo Jesus de Nazaré*, resposta aos anseios imemoriais do “ser humano”, tendo em vista uma questão crucial: o *sentido da vida*. Ou seja, o Reino de Deus é ao mesmo tempo uma *resposta* e uma *proposta* (da parte de Deus) aos homens e mulheres concretos, amados incondicionalmente pelo Deus-Amor, conforme a revelação bíblico-cristã.⁴

1. Fora do amor não há salvação

A partir da revelação de Deus *em e mediante* Jesus Cristo, a fé cristã proclama sem reservas a Alvisseira Notícia: “Deus é amor!”⁵ Na perspectiva evangélica, quem ama conhece a Deus e por Ele é conhecido.⁶ Donde emerge a necessidade de (re)pensar o papel *mistagógico*⁷

¹ Pois “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. ROSA, J. G. *Grande Sertão*: veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 86.

² Conforme afirma o núcleo fundamental da revelação bíblico-cristã: Deus se revelou por amor. E a vida só faz sentido se vivida no amor: Cf. Mc 12, 28-34; Lc 10, 25-28; Mt 22, 36-40; Mt 25, 31-46; 1 Co 13; Gl 5, 14, entre outros.

³ Pois: “*Ex* é uma preposição latina que significa, entre outros conteúdos, ‘estar orientado para fora’, ‘exposto a’, ‘aberto para’. (...) Neste sentido, *ex* ex-prime uma característica fundamental do ser humano como *ex*-sistência. Ele é ser que *ex*-iste voltado para fora (*ex*), em diálogo e em comunhão com o outro e com o mundo. Daí ser a *ex*-peri-ência não apenas uma ciência, mas uma verdadeira cons-ciência.” BOFF, L. *Experimentar Deus*: a transparência de todas as coisas. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 33.

⁴ Cf. Jo 3, 16.

⁵ Cf. 1 Jo 4, 8.

⁶ Cf. MOLTSMANN, J. *Experiências de reflexão teológica*: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004, pp. 130-156. Neste sentido, a fé e a teologia precisam aterrissar, revestir-se de carne, como fez o Filho de Deus. A teologia não pode permanecer (tão somente) nas prateleiras, mas auxiliar no processo de discernimento da *ex*-peri-ência de fé, como uma *mediadora*. Sobre o significado de *ex*-peri-ência. Cf. BOFF, L. *Experimentar Deus*. Op. cit., pp. 31-32.

⁷ Uma *teologia como mistagogia*, pois: “O saber da fé é saber iniciático: vem de uma experiência comunicada por via simbólico-sacramental. É saber de convivência e comunhão. É um

e a dimensão ética⁸ da teologia relacionada a um projeto de vida pautado no único dogma insofismável da fé cristã: o amor.⁹ Sem o exercício do amor-serviço, a vida e o conhecimento de Deus ficam irremediavelmente comprometidos.¹⁰ Há aqui, portanto, uma profunda retro-inter-relação entre *mística* e ética. Mística que significa a experiência intensa do Mistério, e nos reposiciona na trama da vida. Daí o recente caminho da teologia ocidental da *volta às fontes*¹¹: beber ininterruptamente do Espírito, portanto da *espiritualidade*, da *mística*. Bem dizia K. Rahner: “o cristão do futuro, ou será um místico ou não será cristão”¹². Por isso a necessidade de uma relação umbilical entre *teologia* e *espiritualidade*, que se dá *no* Espírito, *por meio do corpo*.¹³ Um projeto de vida pautado no amor: no compromisso com a justiça, na afirmação da vida, na contramão da cultura de morte - fruto da experiência do Espírito como Mãe da vida¹⁴, que nos interpela ao *descentramento*, a uma dinâmica de *alteridade*¹⁵.

O labor teológico, nesta perspectiva, se dá (sempre) desde dentro desta

saber ‘desde dentro’, não ‘desde fora’. Daí porque o mero ‘cientista da religião’ jamais saberá como sabe o crente e o teólogo crente. Não saberá avaliar corretamente a substância da fé em questão (...). Daí a afirmação de Santo Anselmo: *Quem não crer, não experimentará; e quem não tiver experimentado, não entenderá*”. BOFF, C. *Teoria de método teológico*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 130. Grifo nosso.

⁸ De *ethos*, morada na qual habitamos. Cf. BOFF, L. *Ética e ecoespiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 9-12.

⁹ Cf. Jo 13, 34. Cf. também. VATTIMO, G.; RORTY, R. *O futuro da religião*. Solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 71. O seguimento de Jesus coloca no centro este princípio ético fundamental: o amor.

¹⁰ Jon Sobrino diz que só mediante o seguimento de Jesus Cristo é possível verdadeiramente conhecê-lo e, assim, conhecer a Deus. Cf. SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*: ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 462-487.

¹¹ LIBÂNIO, J. B. & MURAD, A. *Introdução à teologia*: perfil, enfoques e tarefas. São Paulo: Loyola, 1996, pp. 145-147.

¹² RAHNER, K. *O cristão do futuro*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 78.

¹³ Cf. CONDEIXA, R. *Do divórcio ao romance*: uma nova relação entre teologia e espiritualidade. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.

¹⁴ Cf. MOLTSMANN, J. *A Fonte da Vida*: o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002. Cf. também. Id. *O Espírito da Vida*: uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 29-155; Id. *Trindade e Reino de Deus*: uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 18-24.

¹⁵ Outro que é alguém concreto, que me interpela, a quem sou con-vocado a responder. O tema da *alteridade* tem sido amplamente desenvolvido na reflexão filosófica contemporânea. Cf. LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2008; Id. *Entre nós*: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005.

dinâmica,¹⁶ isto é, a partir desta experiência fulcral: a *experiência do amor*¹⁷. Esta ex-peri-ência tem como modelo a *Comunidade de Amor* (Pai, Filho, e Espírito Santo)¹⁸, pois Deus é Relação.¹⁹ Diz Maria Clara L. Bingemer:

A revelação cristã é vista como a história das relações trinitárias de amor, abertas ao ser humano e ao mundo. A teologia trinitária é pensada em termos de comunidade e alteridade, e a experiência é considerada lugar epistemológico (...) central da reflexão. O gênero literário empregado é o narrativo, importa não tanto deduzir e especular sobre Deus, sua pessoa e seus atributos, mas narrar a história da relação amorosa de Deus com a humanidade. E o objeto da narrativa é o mistério de um Deus que se revela como *mysterium salutis* (mistério de salvação) e não como *mysterium logicum* (mistério lógico). A pergunta fundamental, portanto, deixa de se concentrar no “*Deus existe? Pode-se provar a sua existência?*”, e volta-se para “*O que significa para nós, hoje, a existência de Deus? De que Deus se trata? De que Deus somos crentes e de que Deus somos ateus?*”.²⁰

Somos crentes do Deus-Amor, por isso: “Fora do amor não há salvação!”. No entanto, por mais verdadeiramente cristã que seja esta afirmação e princípio fundamental, esta não pode restringir-se (reduzir-se) à salvação em sentido *escatológico individual*. Não. Pois, na realidade, sem amor não há viabilidade para a vida! E se a vida como um todo não é viável sem amor, por que motivo a teologia não estaria incluída? Ou seja, não é possível uma teologia autenticamente cristã (que se sustente) estando ausente esta experiência vital:

¹⁶ Uma teologia *pneumática* e uma *sapientia fidei*. Cf. GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço: itinerário de um povo*. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 69-70; BARTH, K. *Introdução à teologia evangélica*. 9ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007, pp. 35-40.

¹⁷ Cf. BARTH, K. *Introdução à teologia evangélica*. Op. cit., pp. 123-128. Cf. também. BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2003, p. 9.

¹⁸ Cf. BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2003, p. 10.

¹⁹ A unidade em Deus é fruto da *relação*, como um “laço indissolúvel” entre as Três Divinas Pessoas: *a relação faz o laço, o laço é a própria relação*. A relação *acontece*, ou melhor, “é” a própria “essência” de Deus. Ou seja, a unidade não é o “resultado” *a posteriori* ou sustentada (*a priori*) numa *consustancialidade metafísico-essencialista*, mas dá-se *na e pela interpresença, interpenetração, inter-retro-relação (pericóresis)*. A unidade é a própria relação: a relação é o laço (ou faz o Laço). Cf. especialmente. MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 24-33.

²⁰ BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus Trindade*. Op. cit., p. 27. Grifo nosso.

Por isso, o amor foi também sempre para nós, ao mesmo tempo, o acto primigénio, pelo qual um ente – sem deixar de ser este ente limitado – se abandona a si mesmo para, enquanto *ens intentionale*, participar e ter parte noutra ente, mas de modo que eles não se tornem quaisquer partes reais um do outro. Por isso, o que chamamos “conhecer” – esta relação de ser – pressupõe sempre este acto originário: um abandonar-se a si e aos seus estados, os seus peculiares “conteúdos de consciência”, ou um transcendê-los para, segundo a possibilidade, chegar a um contacto vivencial com o mundo.²¹

Ou seja, sem a experiência/vivência concreta do Amor, que se expressa (também) como *amor mundi*²², o próprio labor teológico fica impossibilitado.²³ Motivo primordial da premente necessidade, na teologia, de uma *razão cordial-amorosa (ordre du coeur)*. É a *ordem do coração*, do qual falava Blaise Pascal. Para o pensador de Port-Royal, somente por meio da *conversão do coração* (verdadeira conversão) no qual atua a *caritas*, que homens e mulheres conhecem a Deus, e por meio dele (do coração) podem *agir em consonância ao Amor experienciado*. Para B. Pascal, é somente por meio do Espírito, que penetra as profundezas do humano, que podemos experienciar o profundo da vida, que se traduz na transfiguração da vida pela vivência concreta do Amor. Essa experiência vitalista não é passível de dar-se senão pelo Amor. O conhecimento meramente racional de Deus (no sentido empregado por B. Pascal) e, por conseguinte, do outro, do próximo, sequer “arranha” as estranhas humanas. É mister o *affectus*, o *pathos*, que dinamiza e envolve a pessoa por inteiro. Conforme diz B. Pascal no fragmento L. 423; Br. 277:

O coração tem razões que a razão desconhece, sabe-se disso em mil coisas. Digo que o coração ama o ser universal e a si mesmo, conforme ao que se dedica, e ele se endurece contra um ou outro à sua escolha. Rejeitastes a um e ficastes com o outro; será pela razão que vos amais?²⁴

²¹ SCHELER, M. “Ordo amoris”. Tradutor: Artur Mourão. In: *LusoSofia*. Biblioteca on-line de Filosofia e Cultura, p. 14. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/20120726-scheler_ordo_amoris.pdf>. Acessado em 8 de julho de 2015.

²² Cf. MAFFESOLI, M. *Homo eroticus: convivências emocionais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 10.

²³ Pois, “fora do mundo não há salvação”: Cf. SCHILLEBEECKX, E. *História humana: revelação de Deus*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2003, pp. 21-33.

²⁴ PASCAL, B. *Pensamentos*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 164.

O amor, aprendemos com B. Pascal, não é o resultado de profundas ponderações lógicas, racionais, acerca de alguém, incluindo Deus, mas nasce misteriosamente das entranhas do humano, isto é, do *coração*. Daí a centralidade do *coração*, ou seja, fora do *coração* não há salvação!

2. Fora de um coração aberto e humilde²⁵ não há salvação

Estes são princípios de afirmação da vida: fermento para as relações humanas, para a vida em comunidade, em sociedade.²⁶ Do contrário, há o risco da barbárie, a prevalência da cultura de morte, da violência desmedida, da intolerância radical, fruto da *hybris desenfreada*, próprio da *estupidez humana*.²⁷

Todavia, é na esfera das pequenas relações, no interior do cotidiano mais comezinho que o amor precisa ser encarnado: como uma nova forma de vínculo comunitário, social, que vá para além do *contrato social*, conforme preconiza certo pensamento político herdado do Iluminismo.²⁸ Um pensamento que não rompe com a lógica do individualismo. Muito pelo contrário. Daí a premente necessidade de outra lógica, outro modo de ver e viver a vida, agora não mais fundamentada no Eu com referência primordial (portanto, numa *egologia* qualquer), mas num “nós”: uma relação-união que acontece a partir do afeto,

²⁵ Tecer uma práxis de vida e uma teologia a partir de uma *singular imagem de Deus*, do Deus Comunidade de Amor: Pai, Filho, e Espírito Santo, em *permanente* dinâmica de *kénosis*. Uma dinâmica de vida e teológica inspiradas na vida do Pai, do Filho, e do Espírito Santo: na dinâmica da *kénosis* Trinitária. Cf. FORTE, B. *Teologia em diálogo: para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 76-77; BOFF, L. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009, pp. 30-35; SUSIN, L. C. “Gloria Maior Deus Humilis”. Prática da Teologia em novos paradigmas: um exercício. In: VV. AA. *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: SOTER; Loyola, 1997, pp. 124-125.

²⁶ Um Deus que é pura Doação. A dinâmica *kenótico-trinitária* revela-se como: a *kénosis* do Pai - como *contração de potência*; a *kénosis* do Filho - como *renúncia à majestade*; e a *kénosis* do Espírito - como *humildade e descrição*. Cf. ROCHA, A. *Espírito Santo: aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana*. São Paulo: Vida, 2008, pp. 90-101.

²⁷ Cf. MORIN, E. *Amor, poesia, sabedoria*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, pp. 7-8. Estupidez comum ao *homo demens-demens*. Cf. MORIN, E. *O Método 5: a humanidade da humanidade*. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012, pp. 115-128. Pois, “temos a dimensão sã e também a patológica. Porque não somos só *homo sapiens-sapiens*. Somos hoje, fundamentalmente, *homo demens*, duplamente *demens*, coisa esquecida na modernidade iluminista”. BOFF, L. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p. 27.

²⁸ Cf. ROUSSEAU, J. J. *Do contrato social*. (Col. Saraiva de Bolso). São Paulo: Saraiva; Nova Fronteira, 2011.

que fomenta e sedimenta o *estar-com*²⁹, que potencializa nosso ser-no-mundo-com e para-os-outros, como *cuidado*, fenômeno que se dá primordialmente a partir do *coração*.³⁰

Para os antigos, sobretudo para os gregos, o amor era percebido como uma energia humana fundamental, presente nas relações, sobretudo no que dizia respeito à ação do homem na *polis*: daí *Eros* predominar na concepção grega de amor. Na obra *O Banquete*, texto clássico no qual Platão busca formular sua compreensão de amor, *Eros* é tratado como uma força misteriosa: visto ora como um deus, ora como um *dáimon*, um *demiurgo*.³¹ Uma *pulsão vital*, como dirá mais tarde a psicanálise freudiana que tanto recorreu à cultura grega (mitologia/filosofia) para construir seu arcabouço conceitual.³² Mas, sem prescindir da dimensão “erótica do humano”³³, precisamos dar um passo a mais quando pensamos a possibilidade da criação de uma *ordo amoris*: formada a partir de uma sensibilidade *sui generis*: no exercício de uma amorosidade ilimitada, e uma *ecossófia sensível*.³⁴ Entretanto, esta outra ordem de coisas só pode acontecer a partir do *coração*, do *corpo* como grande órgão de percepção e *doação de sentido*. Tal como diz o poeta russo:

Nos demais - eu sei, qualquer um o sabe -
O coração tem domicílio no peito.
Comigo a anatomia ficou louca.
Sou todo coração - em todas as partes palpita.³⁵

Maiakovski faz ressoar a cara herança de um tema bíblico: do *coração* como o centro da vida (do dinamismo interior da pessoa); do “coração de carne” dado pelo Espírito em detrimento do “coração de pedra”³⁶. Segundo

²⁹ Cf. MAFFESOLI, M. *Homo eroticus*. Op. cit., pp. 81-103.

³⁰ Cf. BOFF, L. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 44-65.

³¹ Cf. PLATÃO. *O Banquete ou do Amor*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

³² É a relação entre *pulsão de vida* e *pulsão de morte*, entre *Eros* e *Thanatos*: diferencial da “última fase” do pensamento freudiano. Cf. FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011, pp. 64-66.

³³ Sobretudo a partir do resgate da *corporeidade* no pensamento contemporâneo: Cf. BATAILLE, G. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987; PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. 2ª ed. São Paulo: Siciliano, 1995.

³⁴ Cf. MAFFESOLI, M. *Homo eroticus*. Op. cit., pp. 235-261.

³⁵ MAIAKÓVSKI, V. *Antologia poética*. 4ª ed. São Paulo: Max Limonad, 1987, p. 143.

³⁶ Cf. Ez 36, 26.

a tradição bíblica, o *coração* do homem e da mulher pode ser orgulhoso e vão, resistindo a Deus, e aos irmãos e irmãs, mas pode igualmente converter-se: tornar-se dócil à *ternura de Deus*, gestando um novo *modus vivendi*: da *ternura*, do *cuidado*, da *gentileza*.³⁷ Ora, segundo a revelação (de Deus em Cristo no Espírito³⁸), o amor de Deus é de outra ordem: revela-se em sua absoluta *gratuidade* e soberana *iniciativa* (unilateral). Ou seja, o Amor não pode ser conquistado e/ou merecido pelo “ser humano”, mas pode e carece ser *acolhido no coração*³⁹ como *Dom* (Ágape). Pois o próprio Deus é o Dom maior, por isso seu nome também é Amor: Deus-Amor. Amor que foi plenamente acolhido, de modo único e inaudito, na carne quente de Jesus Cristo (relação divino-humana). Amor *mais forte que a morte*⁴⁰: que se traduz na *práxis da caritas*⁴¹ - quem se doa conhece a Deus.⁴² Diz o teólogo mártir:

Amor significa sofrer a metamorfose de toda a existência por parte de Deus, ser incorporado ao mundo tal como ele somente pode subsistir *diante de Deus e em Deus*. (...) O amor de Deus não é apenas aquele porto de refúgio onde posso me abrigar do mar grosso. Ser amado por Deus de modo algum proíbe ao ser humano pensamentos fortes e ações alentadas. Somos amados e reconciliados por Deus em Cristo como seres humanos inteiros. É como seres humanos inteiros, raciocinando e agindo, que amamos a Deus e aos irmãos.⁴³

Por isso, para que faça algum sentido (minimamente) a palavra *amor* (para que esta não se torne uma palavra vazia de sentido, palavra tão desgastada nos nossos dias), nada melhor que a revelação do Amor em Jesus Cristo.

³⁷ Pois como diz o profeta do Cajú: “gentileza gera gentileza”. Sobre a vida e obra de José Datrino, o Profeta Gentileza: Cf. GUELMAN, L. C. *Univvverrso Gentileza*. Curitiba: Mundo das Idéias, 2015. Sobre a *ternura*: Cf. ALVES, R. *Retratos de Amor*. 7ª ed. Campinas: Papirus, 2002, pp. 68-70. Sobre o *cuidado*: Cf. BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

³⁸ Cf. Rm 5, 5.

³⁹ Pela fé, que dinamiza todo o ser da *pessoa*: ato no qual a pessoa inteira está radicalmente envolvida. Cf. LIBÂNIO, J. B. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000, pp. 9-18.

⁴⁰ Cf. Ct 8, 6.

⁴¹ A *caridade* é o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem. Diz o Doutor da graça: “Meu peso é o amor; por ele sou levado para onde sou levado”. AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2006, pp. 9-10.

⁴² Cf. 1 Jo 4, 7.

⁴³ BONHOEFFER, D. *Ética*. Op. cit., pp. 34-35. Grifo nosso.

Amor disponível a todos e todas: orientados existencialmente para o Reino de Deus⁴⁴, por meio do Espírito que in-habita a Criação. Daí a necessidade da experiência/vivência do Deus-Amor no seguimento de Jesus Cristo, sobretudo em relação aos mais fragilizados, os *pobres*, ao lado dos quais o Deus da revelação se coloca⁴⁵, e nos interpela para que façamos o mesmo (*miseri-córdia*⁴⁶), e que toca numa questão capital: a *imagem de Deus* veiculada.⁴⁷ Esta é uma questão nevrálgica.

Quando dizemos *imagem de Deus*, falamos (também) de uma dimensão *estética*: uma forma singular de perceber e fruir a *beleza de Deus* (presente no mundo, incluindo o “ser humano”): do Deus Comunidade de Amor. Donde a carência de (re)colocar a figura feminina/materna do divino, possibilitando um diálogo entre o feminino e o masculino, evitando extremismos radicais. A teologia, portanto, precisa pensar a *imagem* de um Deus Pai que é também Mãe⁴⁸, pois: “Só na combinação de ambos aparece a vida em sua harmonia. Não porque se dissolveram as tensões, senão porque se conseguiu uma síntese cheia de tensões, que se sustenta, se renova e se aprofunda cada vez mais”⁴⁹. Esta é uma *imagem de Deus* (tão bela) que é capaz de *seduzir* “pedras, cate-drais, coração”, como diz o poeta-cantor⁵⁰. Um Deus que é pura doação de Si, puro *desbordamento* de Amor. Felizmente amor e beleza andam de mãos dadas em Deus - e assim deveria ser conosco. Ao criar em amor, em graça, *em, por meio de e para* Cristo, na força do Espírito, o resultado só poderia ser esse: *beleza e bondade*.⁵¹ Que transforma o deserto árido da existência num *jardim*

⁴⁴ Cf. FRANÇA MIRANDA, M. de. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 47-48. Sobre o amor/gracia como um *existencial-sobrenatural*: Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004, pp. 157-165.

⁴⁵ Como *Go'el* os *defende*. Cf. GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo. Loyola, 1992, pp. 45-57.

⁴⁶ Cf. SOBRINO, J. *Espiritualidade da libertação*. São Paulo: Loyola, 1992, pp. 185-198.

⁴⁷ 1 Jo 3, 16. Grifo nosso.

⁴⁸ Cf. BOFF, L. *O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁴⁹ BOFF, L. “Masculino e Feminino, o que é? Fragmentos de uma ontologia”. *Revista de Cultura Vozes* 9 (1974), p. 684.

⁵⁰ DJAVAN. “Seduzir”. Faixa 2. In: *Seduzir*. EMI/Odeon, 1981. Um Deus desarmado, que nos convida a não-violência, portanto ao diálogo, fomentando uma cultura de tolerância no caminho da fraternidade. Cf. BINGEMER, M. C. L. *Um rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005, pp. 159-222.

⁵¹ Na plenitude-recapitulação: Cf. o *hino cristológico* de Cl 1, 15-20; e Ef 1, 7-12. Cf. RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo Vivo: ensaio de cristologia para os nossos dias*. 15ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012, pp. 103-118/146-149. Paulo faz uma (re)leitura catacrônica da história:

de delícias para todos e todas: cheio de *beleza*⁵², de *alegria*⁵³, de *prazer*⁵⁴, e de *bondade*⁵⁵.

Ora, é exatamente por isso que os mitos permanecem vivos - como aquele do Paraíso genesíaco, com toda a sua carga simbólica e existencial.⁵⁶ Já que a narrativa poética bíblica não traduz um *fato*, fixado no passado, mas projeta no passado (protologicamente) a derradeira *esperança escatológica* (plenitude escatológica), e nos fala de uma experiência presente (existencial). O Jardim é dom, mas é também tarefa (cuidar do Jardim para que floresça) e destino (o Jardim definitivo).⁵⁷ O Paraíso de Gênesis é, portanto, o Paraíso *esperado*: da plenitude anunciada para os tempos messiânicos (Primeiro Testamento) e, pelos olhos da fé, “já” realizada em Cristo: prenúncio da recapitulação de toda a Criação.⁵⁸ Não é uma questão de otimismo, mas de Esperança, pois o Deus Trindade *continua* criando e recriando, gerando e regenerando todas as coisas no Seu amor. Por isso, a ênfase precisa (sempre) recair no Amor, visando não só a formação de uma *ordo amoris*, mas de uma *theologia amoris: cordial*.⁵⁹ Amor que transfigura quem ama e quem é amado.⁶⁰

em Cristo a plenitude de vida destinada à todos e todas “já” aconteceu antecipadamente (*prolepse*). Cf. PANNENBERG, W. *Cristologia: lineamenti fondamentali*. Brescia: Morcelliana, 1974, pp. 548-551. Cf. ainda: GONZÁLES FAUS, J. I. *La humanidad nueva: ensayo de cristologia*. 6ª ed. Santander: Sal Terrae, 1984, pp. 137-166/283-313; MOLTMANN, J. *Teologia da esperança*. 3ª ed. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005, pp. 181-288; QUEIRUGA, A. T. *Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 21-38/77-102; SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983, pp. 245-281.

⁵² Cf. ALVES, R. *Variações sobre o prazer*. Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Planeta, 2011, pp. 11-12.

⁵³ Cf. Id., *idem*, pp. 13-14.

⁵⁴ Cf. DE JESUS, A. M. G.; DE OLIVEIRA, J. L. M. *Teologia do prazer*. São Paulo: Paulus, 2014.

⁵⁵ Como diz a narrativa genesíaca: “E Deus viu tudo quanto fizera, e era *muito bom*”. Gn 1, 31. Grifo nosso.

⁵⁶ Cf. CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

⁵⁷ Pois a *protologia* já é *escatologia*. Cf. SCHWANTES, M. *Projetos de esperança: meditações em Gn 1-11*. São Paulo: Paulinas, 2001. Cf. também. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. Op. cit., pp. 315-336.

⁵⁸ O Paraíso é *promessa*. Cf. MOLTMANN, J. *Teologia da esperança*. Op. cit., pp. 129-180.

⁵⁹ Um *intellectus amoris*: Cf. MOLTMANN, J. *Experiências de reflexão teológica*. Op. cit., pp. 58-61. Cf. também. SOBRINO, J. “Como fazer teologia: proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana”. *Perspectiva Teológica* 21 (1989), pp. 285-303.

⁶⁰ Cf. ALVES, R. *Variações sobre a vida e a morte ou O Feitiço erótico-herético da teologia*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 138.



E há algo mais *belo* que o Amor de Deus, que o Deus-Amor?⁶¹ Eis a dimensão poi(ética) do amor.

Conclusão

Na perspectiva cristã: sem amor, sem um coração aberto a dor alheia, não há como estabelecer relações justas. E sem justiça (*tsedaqah*) a paz (*shalom*) simplesmente não é possível. Mas, se nos comprometermos com o estabelecimento de uma *ordo amoris*, a partir do exercício diuturno do amor, feito de pequenos gestos, então a paz poderá nascer, promovida desde o cotidiano mais prosaico. Assim, podemos transformar a vida numa caminhada que visa à reconciliação, feita do encontro entre os diferentes, que torna *habitável* nossa *Casa comum*: onde a fome de pão e de beleza⁶², de amor e de paz, seja saciada, já, aqui e agora.

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2006.
- ALVES, R. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- ALVES, R. *Retratos de Amor*. 7ª ed. Campinas: Papirus, 2002.
- ALVES, R. *Variações sobre a vida e a morte ou O Feitiço erótico-herético da teologia*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- ALVES, R. *Variações sobre o prazer*. Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Planeta, 2011.
- BARTH, K. *Introdução à teologia evangélica*. 9ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BATAILLE, G. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BETO, F. *Fome de pão e de beleza*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- BINGEMER, M. C. L. *Um rosto para Deus?* São Paulo: Paulus, 2005.
- BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus-Amor: a graça que habita em nós*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2003.

⁶¹ Cf. ALVES, R. *Por uma teologia da libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, pp. 9-56.

⁶² Cf. BETO, F. *Fome de pão e de beleza*. São Paulo: Siciliano, 1991.

- BINGEMER, M. C. L.; FELLER, V. G. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2003.
- BOFF, C. *Teoria de método teológico*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOFF, L. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOFF, L. *Ética e ecoespiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BOFF, L. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BOFF, L. “Masculino e Feminino, o que é? Fragmentos de uma ontologia”. *Revista de Cultura Vozes* 9 (1974), pp. 677-690.
- BOFF, L. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOFF, L. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BONHOEFFER, D. *Ética*. 7ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CONDEIXA, R. *Do divórcio ao romance: uma nova relação entre teologia e espiritualidade*. São Paulo: Editora Reflexão, 2011.
- DE JESUS, A. M. G.; DE OLIVEIRA, J. L. M. *Teologia do prazer*. São Paulo: Paulus, 2014.
- DJAVAN. “Seduzir”. Faixa 2. In: *Seduzir*. EMI/Odeon, 1981.
- FORTE, B. *Teologia em diálogo: para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Loyola, 2002.
- FRANÇA MIRANDA, M. de. *A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo, Loyola, 2003.
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.
- GONZÁLES FAUS, J. I. *La humanidad nueva: ensayo de cristologia*. 6ª ed. Santander: Sal Terrae, 1984.
- GUELMAN, L. C. *Univverrso Gentileza*. Curitiba: Mundo das Idéias, 2015.
- GUTIÉRREZ, G. *Beber no próprio poço: itinerário de um povo*. São Paulo: Loyola, 2000.



- GUTIÉRREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo. Loyola, 1992.
- LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- LIBÂNIO, J. B. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MAFFESOLI, M. *Homo eroticus: convivências emocionais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- MAIAKÓVSKI, V. *Antologia poética*. 4ª ed. São Paulo: Max Limonad, 1987.
- MOLTMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.
- MOLTMANN, J. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MOLTMANN, J. *Teologia da esperança*. 3ª ed. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.
- MOLTMANN, J. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MORIN, E. *Amor, poesia, sabedoria*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- MORIN, E. *O Método 5: a humanidade da humanidade*. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PANNENBERG, W. *Cristologia: lineamenti fondamentali*. Brescia: Morcelliana, 1974.
- PASCAL, B. *Pensamentos*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. 2ª ed. São Paulo: Siciliano, 1995.
- PLATÃO. *O Banquete ou do Amor*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- QUEIRUGA, A. T. *Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- RAHNER, K. *O cristão do futuro*. São Paulo: Novo Século, 2004.
- ROSA, J. G. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ROUSSEAU, J. J. *Do contrato social*. (Col. Saraiva de Bolso). São Paulo: Saraiva; Nova Fronteira, 2011.

- RUBIO, A. G. *O encontro com Jesus Cristo vivo: ensaio de cristologia para os nossos dias*. 15ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- SCHELER, M. “Ordo amoris”. Tradutor: Artur Mourão. In: “LusoSofia”. Biblioteca on-line de Filosofia e Cultura, p. 14. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/20120726-scheler_ordo_amoris.pdf>. Acesso em 8 de julho de 2015.
- SCHILLEBEECKX, E. *História humana: revelação de Deus*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- SCHWANTES, M. *Projetos de esperança: meditações em Gn 1-11*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOBRINO, J. “Como fazer teologia: proposta metodológica a partir da realidade salvadorenha e latino-americana”. *Perspectiva Teológica* 21 (1989), pp. 285-303.
- SOBRINO, J. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- SOBRINO, J. *Espiritualidade da libertação*. São Paulo: Loyola, 1992.
- SUSIN, L. C. “Gloria Maior Deus Humilis. Prática da Teologia em novos paradigmas: um exercício”. In: VV. AA. *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: SOTER; Loyola, 1997.
- VATTIMO, G.; RORTY, R. “O futuro da religião”. Solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

Rodrigo Cardoso Condeixa da Costa

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: rodrigocondeixa@ig.com.br

Recebido em: 02/09/15

Aprovado em: 07/04/16